

16 Um Retrato do Aborto



Perita auxiliar de ginecologia,
Sempre atenta às questões de luxo
e reconforto,
A senhora dizia:

— Meu problema não é a prática do aborto,
Tento apenas livrar a mulher desprezada,
Dos desgostos fatais que a esperam na estrada
Quando o homem lhe fere o brio feminino...

Amigos respondiam:

— Mas, no caso, a mulher, ante as leis do destino,
Não será responsável quando aceita
Ser mulher-mãe do filho que carrega?
Se ao homem que a buscou ela própria se entrega?
Sabemos que o espírito
Enlaça o corpo de que se aproveita
Quando estão, ele e ela, em comunhão perfeita.

A senhora, entretanto,
Falava, contrafeita:

— Não protesto, nem digo que estou certa,
Sei apenas que estou em minha profissão,
Tanto quanto angario apreço e estimação,
Creio que faço o bem, liberando a mulher
Do fardo que ela traz quando não quer;
Além do mais, preciso do dinheiro
Para dar minha filha a um caminho seguro,
Uma bela mansão, um marido e o futuro
Sem aflição e sem dificuldade...
Ela agora possui quinze anos completos;
Sonho vê-la feliz ao dar-me vários netos...
Para isso, o dinheiro é a base inesquecível,
Depósito bancário é melhora de nível.
Vejo no meu trabalho um trabalho qualquer
Simples mulher que ajuda a uma outra mulher,
Não tenho hesitação, nem penso quanto a isso,
Aborto é proteção a quem presto serviço;
Desde que a candidata chegue mascarada,
Passo a cumprir o meu dever
E não quero saber
Se veio acompanhada ou desacompanhada,
Se anota o nome ou não,
Não quero queixa, nem complicações,
Cada uma a que atendo é mais seis mil...
E aditava, esboçando um sorriso gentil:
— Preciso de milhões...

Desdobrava-se o tempo, hora por hora,
 Quando em chuvosa noite surge uma senhora,
 Pagando a taxa de seis mil cruzeiros.
 Ela explica que trouxe uma sobrinha pobre
 Para comprar a intervenção...
 Declara-se parenta e mostra-se incumbida
 De socorrer a moça e dar-lhe proteção,
 Quer mantê-la, porém, desconhecida...

A senhora ouve, calma, e concorda em seguida:
 — Entendo, claramente,
 Cada pessoa está em sua própria vida...

Entra no gabinete a jovem mascarada,
 Parece muda e surda que se entrega
 A uma força terrível, dura e cega...

Ao ver-lhe o corpo verde de menina,
 A senhora em ação
 Elogia-lhe a pele alabastrina;
 Mas, aparentemente sem razão,
 Quando o chamado auxílio estava em meio,
 Estranha hemorragia surge em cheio...
 A jovem geme, a parteira entra em luta...
 Nada consegue... O sangue explode e vence-a.
 A dama ao telefone roga a um médico amigo
 Que lhe venha em socorro...
 Vê a moça em perigo,
 Quer salvar-lhe a existência,
 Mas o sangue que sai prossegue a jorro...

*... Na grandeza do mundo
 em que Deus
 nos resguarda
 olha o valor
 das cousas
 pequeninas.*

Chega o médico à pressa,
 Nota a menina em coma...
 — Nada mais a fazer - diz ele quando a toma,
 A fim de examinar-lhe o pulso e, logo após,
 Diz à parteira aflita:
 — É uma jovem bonita,
 Liberemos a face, enquanto estamos sós.

Ele mesmo retira a máscara em veludo
 Quer anotar-lhe o rosto para estudo...
 Eis, porém, que aparece
 A mocinha, a morrer, num sorriso tristonho,
 Qual criança que dorme a fitar a luz do último sonho...
 Mas ao ver-lhe, de todo, a face em primavera,
 Grita a pobre senhora em gemidos de fera:
 — Por que? Por que, meu Deus, esta dor que me mata?
 Em pranto convulsivo a dor se lhe desata...
 É que, ao fitar o corpo enfeitado em rendilha,
 Naquele rosto lindo e pálido, ante a morte,
 A rugir e a chorar sem nada que a conforte,
 A senhora encontrara a sua própria filha.